

Marlon Soares/Divulgação



de ler. Só não gosta de ler resumo de literatura. Você não lê para estudar. Você quer ler?” Eu falei: “Quero.” Então ela me mandou ler “Noites Brancas”, de Dostoiévski. Comprei a edição de bolso numa banca de jornal por uns 15 reais. A partir daquele momento, dia sim, dia não, religiosamente, eu ia a uma livraria e comprava um livro de bolso para ler em um ou dois dias. Eu voltava e comprava outro, e assim por diante.

O que mais você leu nessa época?

Lembro-me claramente de “Fausto”, de Goethe, um livro que me desfez por inteiro. Como pude, com a minha mentalidade religiosa tão pequena, não compreender Mefistófelis? Você se fascina pelo bem e pelo mal de um jeito tão romântico. O trecho da Noite das Bruxas é um canto. Aquilo muda o nível de um ser humano. Outra coisa que muda o nível de um ser humano é Bukowski. Eu lia muito Bukowski, me intoxicava com um Bukowski que é absolutamente violento e sujo. Eu amava aquilo. Eu lia, por exemplo, Flaubert e Bukowski; Machado de Assis e Olavo Bilac. Não tinha curadoria para nada, e acho que até hoje sou um leitor assim.

Se tornou um leitor voraz...

Hoje, admito que compro muito mais livro do que leio; leio 10% do que compro

e do que ganho, e me orgulho disso. Porque meus livros estão muito bem, eles falam com os outros, não precisam de mim. Aquela música da Mariana Lima com letra do Antônio Cícero — “as coisas não precisam de você” — os livros também não. Meus livros não precisam de mim, mas precisam dos outros. Então, preciso que eles façam companhia aos outros.

Há um livro favorito?

“Cândido”, do Voltaire. É uma obra de ficção científica. Acho que ninguém fala nisso. É o livro mais fabuloso da história. Bota o terremoto de Lisboa no centro da história da humanidade e fala sobre jardinagem. Trata da nossa ingenuidade e vislumbra a modernidade.

E poesia? Você lê?

Meu poeta favorito é o Ferreira Gullar. Ele conseguiu extrapolar o limite da página e da palavra e fez isso sem distorcer a palavra. Escreveu letra de música, era uma figura interessante, faz falta todos os dias. Era o último dos modernistas, da linhagem do Oswald de Andrade. Eu acho que, assim, o Brasil precisa voltar da utopia, precisa voltar urgentemente, é urgente.

Vamos falar um pouco de política cul-

tural da pasta que você ocupa. O Rio tornou-se capital mundial do livro, a primeira cidade de língua portuguesa a receber essa distinção, e estamos às vésperas do Bial. Qual é o eixo das políticas públicas da cidade nesse contexto?

Queremos fomentar a cultura de forma qualificada, especialmente a literatura, com ciclos e clubes de leitura, mediação literária e roteiros culturais para estimular o turismo. A Bial vai trazer eventos profissionais, como o Publisher Summit, e o Prêmio Jabuti, para inovar e construir um futuro para a leitura.

Quando se fala da Bial na mente de muitas pessoas se concebe uma imagem. A que eu concebo é aquele batalhão de crianças que está lá vibrando, indo atrás dos lançamentos, seja o Harry Potter da vez, tem um autor infantil, o Ziraldo. Quando ia na Bial é um acontecimento, aquilo ali é assim, você vê esperança no país quando você vê essas crianças, o desejo pelo livro, esse desejo que nasce.

Temos uma pesquisa mostra que o público mais ligado à leitura lúdica são as crianças, mas isso diminui com a idade, especialmente após a escola. Elas têm fome de faz de conta e conseguem se desligar do mundo real. O público 50+ é um desastre no Brasil. Então o

futuro do aumento dos níveis de leitura passa por eles. O futuro também está no idoso.

Fale um pouco do Rio de Livros, esse projeto que disponibiliza livros nas estações do BRT que as pessoas pegam para ler e devolvem (ou devolvem outro livro), fazendo que essas obras circulem. Houve uma tentativa anterior, que não deu muito certo. O que foi aperfeiçoado nesta nova versão?

Criamos uma estratégia para cada modal, focando no BRT como ponto cultural. O tempo do deslocamento é oportunidade para difusão cultural, incluindo audiolivros e intervenções poéticas. Vamos fazer editais e ações com editores e escritores para conectar pontos, fazendo o livro andar pela cidade e criar uma cultura de troca. Queremos estender para outros modais e até o Galeão, com livros em várias línguas.

Você falou em editais e há um outro edital em curso para estimular novos autores...

Estimular a criação literária é fundamental, pois literatura é pertencimento. Queremos que novos autores periféricos também sejam os clássicos do amanhã, valorizando histórias e nomes importantes da diversidade cultural do Rio, como os Irmãos Rebouças e Pixinguinha.

Como você vê o desaparecimento gradual das livrarias?

Incluimos as livrarias na estratégia de fomento através do ISS, pela primeira vez, reconhecendo que são essenciais para formar leitores, mais do que plataformas digitais. Precisamos fomentar as livrarias físicas, unir editoras, livrarias e bibliotecas comunitárias para fortalecer essa rede cultural. A gente precisa também ter uma biblioteca de referência na cidade.

Como seria essa biblioteca?

Uma biblioteca hoje que alimente as outras com um acervo tanto física quanto digital. Um lugar de culto ao livro, que tenha livro, teatro e também tenha comida.

Como se mensuram os resultados de todas essas ações?

Estamos fazendo estudos com a Câmara Brasileira do Livro e o Sindicato Nacional dos Editores e Livreiros para mapear bibliotecas comunitárias e pontos de leitura, buscando dados sobre impacto e acesso. Nossos editais atuais têm resultado expressivo, com maior participação de mulheres, negros, indígenas e estudantes universitários. Ou seja, temos avanços.